

14ª Conferência Internacional da LARES

Edifício Manchete, Rio de Janeiro - Brasil
18, 19 e 20 de Setembro de 2014



Westfield Stratford City Shopping Center: principal apoio e legado dos Jogos Olímpicos de Londres 2012

Maria Luiza Fava Grassiotto¹, Denise de Cássia Rossetto Januzzi², Junker de Assis Grassiotto³, Renata Romagnoli Basso⁴, Gilson Bergoc⁵

¹Profa. Dra. da Universidade Estadual de Londrina; Rua Pio XII, 481, 2º andar, apto. 201 – Centro – Londrina-PR – Brasil, CEP 86020-380; e-mail: grassiotto@uel.br

²Profa. Dra. da Universidade Estadual de Londrina; e-mail: deniserj@uel.br

³Prof. Dr. da Universidade Estadual de Londrina, Sócio da Grassiotto Empreendimentos Imobiliários Ltda.; e-mail: grassiotto@sercomtel.com.br

⁴Prof. Msc. da Universidade Estadual de Londrina; e-mail: reromagnoli@uel.br

⁵Prof. Dr. da Universidade Estadual de Londrina; e-mail: gbergoc@gmail.com

RESUMO

Os efeitos futuros de megaeventos como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos são assuntos complexos. A cidade sede aspira, e é também solicitada pela entidade internacional a produzir um evento que atinja elevados níveis de realização que atenda um amplo leque de benefícios sociais, culturais e econômicos. Como um ato de construção da cidade do séc. XXI, os Jogos Olímpicos de Londres 2012, alavancaram um dos maiores projetos de regeneração urbana da Europa, levando adiante a ambição de crescimento urbano, com a organização de recursos públicos e privados, estruturas institucionais e processos de planejamento combinando visão e ação. O Westfield Stratford City Shopping Center é participante desse projeto como parte da infraestrutura criada para atender as olimpíadas e posteriormente sustentar o desenvolvimento local, sendo atualmente um importante legado deixado à população pós-evento. Inaugurado em setembro de 2011, com 175.000 m² de área de vendas, abriga mais de 300 lojas, 17 salas de cinema, parque de diversões, três hotéis e o maior cassino do país. O diferencial do projeto foi a adoção da dupla funcionalidade da proposta, contendo uma rua comercial aberta, acesso ao parque, hoje rebatizado como “Queen Elizabeth”, por onde chegam ao empreendimento 80% dos usuários. Do outro lado, o shopping coberto que dá acesso às estações de trem e metrô, além do *mix* das atividades. A solução geométrica inovadora adotada, passou a aparecer nos novos centros comerciais, principalmente europeus, em função do clima de contrastes, tendo em vista a otimização e ocupação dos espaços em todos os períodos do ano. Principalmente as grandes lojas e restaurantes usufruem desse duplo acesso. Consiste numa excelente estratégia para os negócios, mantendo a atratividade para o usuário consumidor. Este texto relata um pouco da história do empreendimento e suas especificidades em relação à arquitetura e implantação urbana, de modo a servir de exemplo e subsídio para propostas semelhantes.

Palavras-chave: legado de megaeventos, centros comerciais multifuncionais, projetos de regeneração urbana.

14ª Conferência Internacional da LARES

Edifício Manchete, Rio de Janeiro - Brasil
18, 19 e 20 de Setembro de 2014



Westfield Stratford City Mall: main support and legacy of London´s 2012 Olympic Games

ABSTRACT

The future effects of mega events like the World Cup and the Olympic Games are a complex issue. The host city aspires, and is also requested by international entity to produce an event that reaches high levels of achievement, and that lives a wide range of social, cultural and economic benefits. As an act of XXI's city construction, London's 2012 Olympic Games leveraged one of the largest urban regeneration projects in Europe, pursuing urban growth's ambition, organizing public and private resources, institutional structures and planning processes by combining vision and action. The Westfield Stratford City Mall is participant of this project as part of the created infrastructure to serve the Olympics and later sustain local development, being currently an important legacy post-event for the population. Opened in September 2011, with 175,000 m² of sales area, offers over 300 shops, 17 cinemas, amusement park, three hotels, and the country's largest casino. The project's differential was the dual functionality proposal adoption, containing an open mall, access to the park, now renamed as "Queen Elizabeth", from where 80% of consumers reach the enterprise. On the other side, the covered shopping mall which provides access to train and subway stations, in addition to the mix of activities. The innovative geometric solution, started to appear in the new shopping centers, mainly europeans, due to climate contrasts, in order to optimize and occupy the spaces in all periods of the year. Especially the great shops and restaurants takes advantage of the double access. It's an excellent strategy for business, keeping the attractiveness to the consumer. This text tells a little bit of the enterprise's story and its specificities in relation to architecture and urban development, to serve as example and subsidy for similar proposals.

Key-words: mega events legacy, commercial multifunction centers, urban regeneration projects.

1. INTRODUÇÃO

Os efeitos futuros e/ou o legado de megaeventos como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos são assuntos complexos. Não é fácil estimar os custos econômicos e sociais bem como os benefícios para as cidades-sedes ou regiões. Com base na experiência de cidades que em décadas recentes foram sedes de olimpíadas, percebe-se grande ênfase nos aspectos positivos para sediar o evento, manifestada com frequência durante a própria disputa. Porém, múltiplos fatores de natureza social, econômica, política, cultural e ambiental, devem ser considerados, quando o objetivo e legado de um evento olímpico, estão explicitamente relacionados com a regeneração de uma região relativamente pobre ou degradada de uma grande cidade. A cidade sede não só aspira como também é solicitada pela entidade internacional responsável a produzir um evento que atinja os mais elevados níveis de realização, ao mesmo tempo em que atenda um amplo leque de benefícios sociais, culturais e de políticas econômicas que nem sempre estão relacionados diretamente ao evento.

Em 1933, a “Carta de Atenas” do COI (Comitê Olímpico Internacional), requeria que os eventos olímpicos proovessem “Moradia, Trabalho, Recreação e Transporte” (POYNTER, 2008, p.135). A partir dos anos 70, a este modelo agregou-se uma agenda para desenvolvimento urbano, planejada para gerar projetos no interior da cidade, tendo em vista aliviar carências sociais e catalisar novas formas de desenvolvimento econômico. Com isso, muitos investimentos que não são exclusivamente relacionados aos jogos como o desenvolvimento de infra-estrutura (transporte, telecomunicações, instalações esportivas), melhorias ambientais (regeneração do meio ambiente, uso da água, criação de parques), dentre outros, constituem legado para usufruto pós olímpico das instalações permanentes, como habitação, saúde, exercícios, etc., contribuindo ainda para o desenvolvimento do que se tem denominado de “cultura urbana” (lazer, recreação, instalações para entretenimento) pós evento (POYNTER, 2008).

Ainda de acordo com Poynter (2008, p.127), “as olimpíadas assumiram um crescente significado para cidades empreendedoras que procuram estimular a abordagem norte-americana para regeneração urbana e desenvolvimento, através do que os economistas têm denominado de desenvolvimento econômico com base no consumo (consumption led)”. Esta abordagem para renovação urbana tem sido incentivada não só pela elevada demanda decorrente de “reestruturação econômica doméstica e de mudanças de modelos de consumo”, mas também por mudanças na economia internacional, principalmente nas indústrias de mídia, telecomunicações, lazer, viagens e turismo. Estes setores têm assumido dimensões globais com desenvolvimento associado ao mercado de massa, através de um inovador modelo de convergência tecnológica, tendo como base a televisão digital por satélite, produções de mídia global, viagens de longa distância a baixo custo e pacotes de férias. Com isso os organizadores do evento olímpico podem receber benefícios imediatos provenientes da venda de direitos de cobertura da mídia, enquanto a cidade sede divulga sua imagem enaltecendo-a como “uma metrópole adiantada, uma cidade ‘global’ e um centro internacional para comércio e negócios”.

A realização de megaeventos tem constituído uma estratégia para regeneração/revitalização/requalificação de áreas degradadas, além de alavanca para o surgimento de novos centros de convenções, instalações culturais, centros esportivos, parques temáticos e shopping *malls*. Elementos de mudança política são combinados a uma re-engenharia social, tendo em vista reduzir tensões internas existentes nas cidades e seu potencial latente de inquietação social.

Com o discurso de recuperar uma extensa área degradada e diminuir drasticamente a disparidade econômica e social existente entre o leste, *East London*, e o restante da cidade, é que Londres se candidatou e foi contemplada para sediar os Jogos Olímpicos de 2012. O *West London* visivelmente é mais rico do que o *East London*, mais carente, aparecendo claramente nas

estatísticas, mostrando que a expectativa de vida diminuiu de 80 para 73 anos à medida que se caminha de oeste para o leste da cidade. A aspiração nada modesta, mas simples, provocou o estabelecimento de “metas ousadas e abrangentes para melhorar as questões do emprego, saúde, educação, condições de moradia e todos os índices de oportunidades de vida” da região. O objetivo era que as “chances de vida e as oportunidades dos moradores de East London”, pelo menos deveriam estar em “paridade com a média de todos os outros moradores de Londres” (ALTMAN, 2013, p.4).

“Como um ato de construção da cidade do século XXI, os Jogos Olímpicos de 2012 alavancaram um dos maiores projetos de regeneração urbana da Europa” (ALTMAN, 2013, p.1). Londres, cidade sede, utilizou os jogos olímpicos para levar adiante sua ambição de crescimento urbano e regeneração espacial organizando recursos públicos e privados, estruturas institucionais e processos de planejamento combinando visão e ação, de modo a desenvolver um amplo leque de intervenções urbanas.

Os diversos atores envolvidos no planejamento elaboraram uma política de convergência de ações, determinando que cada parte construída deveria ser entendida como um “bem através do qual a mistura e a diversidade seriam promovidas” (ALTMAN, 2013, p.4).

Dentre as políticas de convergência, tendo em vista atingir os objetivos traçados pode-se citar: oferecimento de pelo menos 35% de moradias populares dentre as construídas no parque; criação de empregos locais assim como de oportunidades de pequenos negócios; definição de preços acessíveis para os moradores locais para uso das instalações esportivas de alto nível; criação de um centro de alta tecnologia integrando este, a faculdades locais, e disponibilizando treinamento de alunos; criação de uma programação de futuras atividades no parque olímpico privilegiando as comunidades locais; ligação do parque aos canais, estradas e ferrovias através da construção de pontes, integrando as comunidades adjacentes; realização de parcerias com o grupo *Westfield*, maior operador de shoppings urbanos da Europa, para apoiar uma “escola de varejo”, de modo a dar treinamento para residentes locais viabilizando emprego; dentre outros (ALTMAN, 2013, p.4).

É fácil perceber, quão complexo é todo esse processo de planejamento, realização dos jogos olímpicos e a transformação de toda uma região, com geração de um novo centro dinâmico de atividades sociais e econômicas, um legado inestimável para a sociedade.

Dentro do contexto apresentado acima, a intenção deste texto é tratar de uma pequena parte desse processo, destacar o papel do *Westfield Stratford City Shopping Center* como instrumento de apoio e atendimento aos jogos e posteriormente como o primeiro legado disponibilizado para a população.

2. PARQUE OLÍMPICO DE LONDRES: PROJETO E PLANEJAMENTO

Conforme relata Holanda (2012, p.1), em 1997, Londres tinha vários problemas similares aos brasileiros: má qualidade da educação, déficit de investimento na infraestrutura do transporte, desemprego, além de um grande desequilíbrio entre as várias regiões da cidade. Tendo em vista resolver os diversos problemas, em 1998, o primeiro ministro da época, encomendou ao arquiteto Sir Richard Rogers do *Urban Task Force*, a tarefa de “identificar quais eram as causas do declínio urbano local, e com base nesse plano, recomendar soluções sustentáveis”. Subsidiado pelo sucesso do projeto das *Docklands* e de *Canary Wharf* implementado nos anos de 1980 e 1990, que reposicionou terras obsoletas à beira do rio (*East London*) como um novo centro financeiro, o grupo defendeu a “forma urbana compacta, a construção em terras industriais perto de bons centros de transporte público e a valorização da regeneração urbana”. Assim, nasceu o Plano Estratégico de Londres 1998-2004, com uma projeção para 2020, abrangendo crescimento, infraestrutura, habitação, desenvolvimento econômico, segurança, cultura e meio ambiente. Foram então identificadas: “zonas de regeneração urbana; de oportunidades; os diferentes

centros; as zonas culturais estratégicas; e *clusters*” (para incubação). A geração de novos empregos e criação de políticas habitacionais foi o principal meio para buscar a regeneração. Os jogos olímpicos, para Londres, significavam uma “manifestação tangível de uma visão clara para a transformação urbana em busca de um significado a ser realizado” (ALTMAN, 2013, p.2). Além disso, através da visão política, do conhecimento das idéias urbanas, da realidade econômica e a “restrição de terra de uma cidade global” conspiraram para produzir o Parque Olímpico no leste da cidade (*East London*). E, dentro da zona leste, o *Lower Lea Valley* (LLV) foi a área mais beneficiada com a preparação das olimpíadas de 2012. Para Altman (2013, p.1) os jogos se concentraram numa das áreas historicamente mais carentes da cidade, onde problemas urbanos detectados nos famosos mapas da pobreza de Londres de 1898-99, feitos por Charles Booth, se encontravam ainda, em grande parte, inalterados, mesmo um século depois. Uma área que sofreu com a “deterioração urbana resultante da desindustrialização, da pobreza concentrada e da destruição do tecido urbano através das forças de desurbanização da renovação urbana”. Ainda segundo Altman (2013, p.2) a opção pela comunidade de *Stratford* no leste londrino foi feita no “contexto mais amplo do plano para o crescimento de Londres, e foi uma estratégia deliberada para reconstruir o tecido de uma cidade que tinha sido rompido”. A idéia era construir uma “nova e compacta peça de urbanismo em área industrial ligada a uma densa e melhorada infraestrutura de transporte com a ambição de integrá-la física, econômica e socialmente às comunidades adjacentes”.

Três principais veículos foram criados para a realização dos jogos: 1) a ODA (*Olympic Delivery Authority*), Autoridade de Entrega dos Jogos – empresa de infraestrutura focada na construção do parque e dos locais adjacentes; 2) o LOCOG (*London Organizing Committee for the Olympic Games*), Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Londres – encarregado da organização, gerenciamento, estabelecimento de patrocínios, interlocutor entre diversos organismos; 3) o OPLC (*Olympic Park Legacy Corporation*), Companhia do Legado do Parque Olímpico, proprietária e principal incorporadora do parque olímpico com foco na transformação do local dos eventos em local de regeneração, atraindo investimentos para posterior utilização pela sociedade. Mais tarde foi renomeada para LLDC (*London Legacy Development Corporation*), Corporação para o Desenvolvimento do Legado de Londres. A criação da OPLC em 2009, três anos antes da realização dos jogos, é um testemunho do real propósito dos atores envolvidos, em realizar intervenções urbanas de longo prazo que pudessem se transformar em oportunidades para desfrute pela população (ALTMAN, 2013).

Fundamental para a implementação de todo o projeto foi o desenvolvimento do plano piloto, que estabeleceu o valor de seis bilhões de libras esterlinas a serem gastos pelo governo em infraestrutura no local. Além disso, foi crucial a definição de três fases distintas, para execução do plano, porém integradas: 1) o Plano dos Jogos; 2) o Plano de Transformação, a transição pós jogos; 3) o Plano das Comunidades do Legado, a fase de desenvolvimento em longo prazo. E, tudo foi acontecendo a partir de uma cronologia invertida, com planejamento da área voltado para a cidade do futuro (ALTMAN, 2013).

Antes do início das obras essenciais para a construção e revitalização da área do parque olímpico, dois anos foram dedicados pelo ODA para o planejamento, de modo a assegurar que durante o período de quatro anos de obras o mínimo de imprevistos acontecesse. Um detalhado documento relacionou todas as atividades a serem realizadas, com a definição prévia dos riscos, dos custos, e o legado. O foco foi na sustentabilidade, no benefício público e no dinheiro do contribuinte, evitando criar algo que não pudesse ser usado ou comercializado no mercado depois da olimpíada (DINIZ, 2011).

Uma das primeiras prioridades tomadas pelo governo de Londres para a construção de seu megaevento foi a aquisição dos 2,5 km², 600 acres, sítio do futuro parque olímpico. Naquele momento o local era em grande parte uma área industrial desgastada e abandonada, tendo parcela desta, sido utilizada como aterro sanitário para os restos da devastação que a região leste sofreu

com os bombardeios da Segunda Guerra Mundial. Já contemplada com uma densa rede de transportes coletivos, viabilizar o aproveitamento do potencial de regeneração da área, e garantir as oportunidades latentes foi importantíssimo equacionar as centenas de interesses das diferentes propriedades existentes. Segundo Altman (2013, p.2), os jogos “forneceram a vontade política e o capital para realizar a tarefa”, até então considerada de difícil execução. Juntamente com a organização do terreno, era necessário estabelecer a arquitetura institucional de modo a entregar tanto o parque olímpico quanto o seu legado.

Pouco a pouco, as formas criadas para a realização das olimpíadas tomaram outros contornos e alteraram para sempre as feições da região de *Stratford*. O bairro, com muitos imigrantes e população menos favorecida, recebeu edificações modernas e ampliação na rede de transportes. A infraestrutura construída para os jogos diminuiu para seis minutos a distância entre *Stratford*, até então tida como afastada, e a estação de *St. Pancras*, no centro de Londres. Vizinho da City, o coração financeiro da capital britânica, o bairro tem hoje a segunda estação de trem mais conectada da Europa, além de um ponto de embarque no *Eurostar* (conexão para Paris).

Para a viabilização do parque olímpico, muitas obras se realizaram no entorno e também diretamente para os jogos. Pode-se citar: a demolição de aproximadamente 200 edificações, com mais de 90% do material tendo sido reaproveitado ou reciclado; 2,4 milhões de m³ de terra foram movimentados, sendo que 2 milhões passaram pelo processo de descontaminação, mas utilizadas novamente, apenas 2% descartada; três rios que cortam a área do parque em direção ao Tâmsa foram despoluídos; 30.000 t de lixo saíram do leito dos rios, incluindo carros abandonados, pneus e carrinhos de supermercado; 8,3 km de rios que passam pelo parque tiveram que ser dragados para possibilitar a navegação a partir dos jogos; quatro mil árvores foram plantadas. O parque ficou constituído por uma área de 246 ha, com o mesmo tamanho do *Hyde Park* na zona central de Londres. Durante os trabalhos no local 10 mil operários foram mobilizados e cerca de 30 mil pessoas se envolveram no projeto (DINIZ, 2011).

Segundo Holanda (2013), para a primeira etapa correspondente ao atendimento aos jogos, a construção dos diversos equipamentos visava receber multidões, mas após o evento, tiveram seus tamanhos reduzidos ou foram desmontados. Ao norte do parque criou-se um sistema ecológico de paisagismo que permite o uso sustentável das águas do rio que o atravessa, mantendo a biodiversidade, e ao mesmo tempo gerando visuais dos estádios. Ao sul, onde está o acesso principal, o planejamento urbano foi mais intenso, abrigando o *Arcelor Mittal Orbit*, uma grande escultura que funciona como mirante, e o **Estádio Olímpico**, projetado pelo arquiteto Populus, com capacidade para 80.000 pessoas. Todas as construções passaram por revisão de padrão nos projetos tendo em vista a sustentabilidade. A construção do Estádio Olímpico, do Velódromo, do Centro Aquático, entre outros, ocorreu em uma área de localização estratégica, que sofria graves problemas de inundação. As principais instalações implantadas em verdadeiras ilhas entre os rios, demandaram o desenvolvimento de um novo projeto anti-inundação que, futuramente poderá ser aplicado em outras áreas da cidade, que enfrentam problemas com as chuvas. O clima e a paisagem dos parques e jardins londrinos foram replicados no parque olímpico, com instalações e equipamentos que possibilitam atrair moradores de alta renda para os empreendimentos imobiliários pós-jogos, cuja presença visa alterar o mix demográfico, elevando o padrão de vida local.

As figuras 1, 2, 3 e 4¹ mostram a área destinada à instalação do parque olímpico antes e depois da intervenção e o plano urbanístico do parque durante a realização dos jogos olímpicos e nas fases de adaptação após a sua realização.

¹ Fonte das figuras 1 a 4: OLIVEIRA, P.; BRAGANÇA, L. *Reabilitação Urbana: abordando práticas sustentáveis*. Guimarães: Universidade do Minho, 2012. p.59 e p.60.

Figuras 1 e 2 – Área destinada ao parque olímpico em 2007 (esquerda), área em 2012, após a intervenção (direita).



Figuras 03 e 04 – Plano urbanístico do parque durante os jogos olímpicos (à direita), adaptação urbanística do parque após os jogos (à esquerda).



3. WESTFIELD STRATFORD CITY SHOPPING CENTER

Como parte da infraestrutura criada para atender ao evento e posteriormente sustentar o desenvolvimento local foi construído o maior shopping urbano da Europa, o *Westfield Stratford City Shopping Mall*², com 176.515 metros quadrados, mais de 300 lojas, 70 restaurantes e bares, três hotéis, 17 salas de cinema, um grande parque de diversões, o maior cassino do país, 14 pistas de boliche, escritórios e apartamentos. É ancorado pela *John Lewis*, uma grande loja de 22 mil

² WIKIPEDIA, the free encyclopedia. *Westfield Stratford City*. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Westfield-Stratford-City>>. Acesso em: 01 maio 2013; *Overview*. Disponível em: <<http://www.westfield.com/stratfordcity/>>. Acesso em: 01 maio 2012; Acesso em: 23 Jun. 2014. WESTFIELD, catálogo. *Mall Guide*. Westfield Stratford City, Fev. 2013.

m², pela *Marks and Spencer* (M&S) com 12.600 m² e a *Waitrose*, um supermercado com 3.000 m² (Figuras 5 a 8)³. O investimento no empreendimento comercial foi de £ 1,5 bilhão, sendo a principal porta de entrada para o Parque Olímpico de Londres, a leste do estádio principal e separado pela estrada de *Westfield*. Fica em *East Village*, próximo das estações de *Stratford Regional* e *Stratford International*, pelas quais chegam ao empreendimento 80% dos usuários. De origem australiana, o grupo *Westfield* tem em seu portfólio o maior número de shopping centers do mundo, ultrapassando 100 unidades, espalhadas pela Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos e Grã Bretanha. Está em processo de instalação, sua primeira unidade no Brasil, em Porto Alegre. Suas unidades representam parte essencial no desenvolvimento econômico e social nas comunidades que se instalam. A estratégia do grupo é desenvolver e ser proprietário de grandes marcas do varejo integrando alimentação, moda, lazer e entretenimento, utilizando tecnologias avançadas para melhor conectar varejistas e consumidores. Atua também com marcas de luxo, incorporando em seus empreendimentos uma ala especial de modo a oferecer ao consumidor uma experiência única em compras e lazer. Faz parte das características do grupo administrar pessoalmente os diversos aspectos do seu portfólio, design, construção, desenvolvimento do leasing, marketing e propaganda, dentre outros, de modo a assegurar que seus centros comerciais possam atingir sempre os altos graus de expectativa, tanto de varejistas como dos usuários. No ano passado cerca de um bilhão e cem milhões de pessoas visitaram suas unidades, superando \$40 bilhões em vendas.

Deve-se destacar que apesar de ser um investimento privado, o shopping tem uma relação simbiótica com o parque. Se não houvesse os jogos, seria muito pouco provável que o shopping tivesse sido erguido nesse local em prazo tão curto. Sem o shopping, o comitê se obrigaria a pensar em outra alternativa para acesso ao parque. Os organizadores dos jogos necessitavam de um acesso a ele e de local para instalação da vila dos atletas. Isto significava negociar com os donos do sítio de *Stratford* que incluía o grupo *Westfield* proprietário da melhor parcela da área. O grupo poderia, então, oferecer as duas coisas, tendo ainda a oportunidade de acelerar a construção de seu shopping. Na negociação entre as partes as cartas do *Westfield* eram melhores, e a obrigação de terminar o empreendimento até 2012 não consistia um problema, já que a companhia é agressiva. As olimpíadas pagariam pela infraestrutura que beneficiaria os empreendedores privados e estes, corresponderiam aos anseios da organização dos jogos. Com a entrada da iniciativa privada, o desenvolvimento de *Stratford City* em suas diversas fases, um projeto previsto para durar 40 anos, acabou por se viabilizar em apenas 15. Se por um lado o *Westfield Stratford City* se beneficiou das olimpíadas, ao ganhar o impulso necessário à construção e a infraestrutura de transporte para torná-lo acessível, o comitê organizador também viu no shopping uma ótima maneira de justificar o investimento bilionário no evento. Fica mais fácil ilustrar o desenvolvimento trazido à degradada região leste da capital quando o maior shopping urbano da Europa se instala bem à sua frente.

E foi nesse acerto entre ambas as partes, com o planejamento da localização das edificações necessárias, a vila dos atletas, o shopping, as novas estações, é que ficou decidido que a rua de acesso ao parque não seria coberta, apesar de ser do shopping, acesso também ao *mall* coberto, compondo um circuito comercial, interessante percurso ao pedestre. Tomar chuva para chegar ao evento, acabou se tornando um símbolo cívico, mas com a gestão, segurança e a marca forte do *Westfield* presente.

A preocupação constante de que shoppings destroem a rua comercial e seu dinamismo, não se aplicou neste caso. O *Westfield* foi projetado composto por dois tipos de *mall*, o aberto e o

³ Fonte das figuras: 5 – Disponível em: Queen Elizabeth Olympic park map. pdf. Acesso em: 24 jun. 2014; 6 – Disponível em: <<http://london-traveltips.com/westfield-stratford-city-shopping-centre.htm>> Acesso em: 23 jun. 2014; 7 – Foto do autor, fev. 2013; 8 – Disponível em: <<http://www.en.wikipedia.org/wiki/westfield-stratford-city>> Acesso em: 23 jun. 2014.

fechado compondo o caminho do pedestre (MOORE, 2011). As boas vindas para o maior festival internacional de esporte de excelência e também de companheirismo aconteceram através da grande âncora M&S implantada na porta de acesso ao parque olímpico uma grande avenida comercial, que se liga à *John Lewis* implantada na outra extremidade (Figuras 9 a 11)⁴. A avenida que impõe um estilo de vida 24 horas é flanqueada ao norte pelo shopping vertical que abriga operadores independentes, como restaurantes especializados, elegantes boutiques, contrastando com o lado sul apresentando lojas de estética simples, rústica, oferecendo produtos de casa e decoração, marcas regionais e locais. Espelhando a rua externa de pedestre, o shopping coberto, cujo *mall* interior, com geometria em arco, conecta as duas estações entroncamento de transporte coletivo, a *Stratford Regional Station* e a *Stratford Internacional Station*, assim como as duas âncoras já mencionadas. O *mall* interior é composto por um arco crescente com três pisos, de design simples, cujo interessante efeito foi obtido pela escala adotada, pela sua energia e iniciativa das lojas individuais. Segundo Moore (2011, p.3), “foi um grupo especial de varejistas, inigualável, existente na Grã Bretanha, que desde o primeiro momento queria apresentar um belo espetáculo” (tradução nossa).

Com estética de alta tecnologia, tendendo ao minimalismo, o edifício principal é composto por quatro pisos no total, sendo o térreo e o primeiro piso dedicado às lojas, o segundo ao mezanino dos restaurantes e cinemas. No subsolo, os serviços, supermercado, dentre outras cadeias de lojas e o acesso aos estacionamentos que podem abrigar 5.000 veículos. Com uso dos mais avançados sistemas construtivos disponíveis no mercado, o shopping possui muitas praças com enormes dimensões, vãos e pés direitos (Figura 12)⁵. Com a adoção da geometria em leque, o percurso em circuito acontece de forma natural, com circulações largas repletas de quiosques e espaços de permanência. A cobertura de aço e vidro mostra originalidade nos desenhos. No mezanino, um estar estratégico, interessante mirante para o parque olímpico (Figuras 13 e 14)⁶. Importante ressaltar que a dupla funcionalidade da proposta, contendo no térreo a rua comercial aberta, já mencionada, e o shopping coberto, uma solução inovadora, começou a aparecer nos novos centros comerciais, principalmente europeus, em função de um clima de grandes contrastes, tendo em vista uma otimização e ocupação dos diversos espaços em todos os períodos do ano. Diversas unidades se utilizam do duplo acesso oferecido, principalmente às grandes lojas e restaurantes. É uma excelente estratégia para os negócios, mantendo sempre a atratividade para o usuário consumidor.

A partir da estação *Stratford* por uma ponte de arquitetura interessante, sobre as linhas de trem, se atinge a avenida externa que leva ao parque olímpico. O visitante chega e vislumbra em primeira mão a *John Lewis*, grande rede de loja inglesa, para então, com pequena guinada à esquerda seguir pela rua comercial, se dirigindo ao centro aquático, ao estádio e parque. A rua comercial abriga os hotéis, lojas, cassino, bares e restaurantes, tendo sido tudo construído por uma só companhia, a *Westfield* (Figuras 9 a 11).

O grupo também se comprometeu a construir de acordo com as normas de excelência em sustentabilidade BREEAM, a certificação de origem britânica oficial da implementação do parque. Para isso, se submeteu a um comitê de revisão de projeto de diversos arquitetos promissores, entre eles Tracey Emin e Tom Dixon, que acabaram por realizar diversas comissões individuais.

A medalha de ouro do comércio foi oferecida aos usuários consumidores, muito antes do início dos jogos, em setembro de 2011, quando foram abertas as portas do *Westfield Stratford City*.

⁴ Fonte das figuras 9 a 11 – Fotos do autor, fev. 2013.

⁵ Fonte da figura 12 – Foto do autor, fev. 2013.

⁶ Fonte das figuras 13 e 14 – Fotos do autor, fev. 2013.

A construção do shopping nesse local constituiu um diferencial positivo, oferecendo uma contribuição muito maior do que se tivesse se instalado numa periferia em final de linha. O empreendimento assumiu a construção de pontes por sobre as linhas férreas que o separam do parque, e acabou também se tornando um dos patrocinadores dos jogos olímpicos.

Para auxiliar na questão do treinamento de mão de obra, e desenvolvimento de especialistas, o *Westfield Shopping* implantou em suas dependências *The Skills Place – Newman*, provendo um singular e flexível centro de recrutamento, e treinamento para serviços, oferecendo ensino básico nas especialidades industriais, para modalidades de lojas, restaurantes, facilidades diversas para o próprio shopping, parque e vizinhança. Disponibiliza ainda treinamento nos seguintes setores: varejo; hospedagem; jogos (cassino); lazer; limpeza; segurança; administração; escritórios; logísticas; desenvolvimento de carreira; etc.⁷.

Desde o início da construção do shopping, ao longo da obra e agora em atividade permanente, se relaciona com a comunidade trabalhando com organizações locais e caridade a longo termo incentivando a vida comunitária com responsabilidade social. Um dos programas parceiros é o *Save the Children – Salve a Criança*⁸.

O *Westfield Stratford City* trabalha também junto a escolas e organizações educacionais de modo a engajar os jovens no processo de regeneração e mudanças que estão acontecendo por toda volta. Doze equipes de trabalho voluntário uniram suas forças em parceria com o staff da *John Lewis* com o intuito de ajudar crianças de oito anos a ler. Visitam 10 escolas uma vez por semana de modo a desenvolver a habilidade e confiança das crianças. O programa se chama *The Mayor's Reading Guarantee – A Maior Garantia de Leitura* – e segundo Rob Staniford, um dos administradores do shopping, constitui uma excelente oportunidade para o grupo apoiar a comunidade local, sendo “uma honra dar assistência ao desenvolvimento da leitura e das habilidades literárias dos jovens no coração de Newman” (tradução nossa)⁹.

Westfield Stratford City é o primeiro legado das olimpíadas e da regeneração de Newman. Investiu 1.45 bilhões de libras na criação de um novo centro de compras e lazer e 150 milhões de libras no transporte público de modo a assegurar prosperidade econômica para a área. O grupo trabalhou para se tornar o novo epicentro de oportunidades para a próxima geração de londrinos de leste. Ofereceu 27.000 empregos durante sua construção, agora permanecendo com 10.500 em seu quadro durante seu funcionamento, sendo que 2.000 deles provenientes do local. Contribuiu ainda para criar o perfil da região leste de Londres e vai continuar trabalhando com esse objetivo, em projetos de desenvolvimento de longo prazo¹⁰.

O que fica para a sociedade, é que a marca *Westfield* esteve presente nos jogos tendo sido o primeiro apoiador e primeiro legado deixado. Mostra que foi dada uma primazia para uma empresa privada colaborar e fazer parte de uma área cuja transformação requereu bilhões de investimento público, empregados não somente nas olimpíadas, mas também na construção de um novo terminal da *Eurostar*, das extensões da *Jubilee Line* e *Docklands Light Railway*, e do Parque Rainha Elizabeth, este, o maior legado de longo prazo. A implantação do shopping removeu a preocupação da chance do evento ser apenas uma experiência mal sucedida, do local não absorver as transformações. Pelo contrário, a presença do shopping alavancou as modificações em um tempo muito mais curto (MOORE, 2011).

⁷ Disponível em:< <http://uk.westfield.com/stratfordcity/community/skills-place>>. Acesso em: 18 maio 2013.

⁸ Disponível em:< <http://uk.westfield.com/stratfordcity/community/charity-and-sponsorship> >. Acesso em: 18 maio 2013.

⁹ Disponível em:< <http://uk.westfield.com/stratfordcity/community/schools> >. Acesso em: 18 maio 2013.

¹⁰ Disponível em:< <http://uk.westfield.com/stratfordcity/community/regeneration> >. Acesso em: 18 maio 2013.

Figura 5 – O Westfield Stratford City inserido no Parque Olímpico.



Figura 6 - O Westfield Shopping, a passarela sobre as linhas desembocando na avenida externa.



Figura 7 – Acesso rua externa/interior.



Figura 8 – Um dos acessos ao shopping pela rua externa.



Figura 9 – Rua externa, acesso passarela metrô, jogos, estar, paisagismo.



Figura 10 – Passarela, metrô, M&S na avenida exterior.



Figura 11 – Cassino/Holliday Inn Hotel – Rua externa.



Figura 12 – Westfield Stratford – Mall interior.



Figura 13 – Estar/mirante à esquerda.



Figura 14 – Mirante – Vista Parque Olímpico



4. O PARQUE OLÍMPICO DURANTE OS JOGOS E O LEGADO FINAL: QUEEN ELIZABETH PARK

Cabe destacar as principais premissas básicas para todo o planejamento do parque, que hoje se pode dizer constituíram as raízes do sucesso alcançado, segundo Altman (2013, p.3): 1) a criação de um parque central com aproximadamente 1 km² ao longo do Rio Lea, que formou a espinha dorsal do local, criando uma armadura em torno do qual cinco novos bairros seriam erguidos, integrando parques urbanos e áreas edificadas; 2) a construção de apenas instalações e equipamentos necessários em uma base permanente, que teriam futuros grupos e utilizações.

Outras obras deveriam ser provisórias, passíveis de remoção de modo a viabilizar locais de uso misto abrigando casas, escolas, lojas e áreas de trabalho; 3) a opção por implantar estádios e equipamentos em localizações estratégicas, independentes, não em apenas uma zona desportiva. Desse modo os locais de esporte poderiam constituir âncoras de atividades, ícones físicos integrados aos novos bairros; 4) a Vila Olímpica que durante os jogos hospedaria 17.000 atletas, funcionários e moradores, foi projetada e construída para se transformar no primeiro legado pós-jogos - 3.000 unidades habitacionais; 5) o investimento de 1 bilhão de libras esterlinas para a modernização das linhas férreas e de ônibus, incluindo a construção de um novo centro de transporte internacional, que permitisse futuras conexões com a Europa e conexões imediatas com o grande centro de *Kings Cross* de Londres, diminuindo a distância até ele para apenas 5 minutos e 1 estação; 6) construção de um centro de energia central suficiente para servir o evento depois como legado de abastecimento da área e das comunidades do entorno; 6) construção de um rede subterrânea de novos esgotos, utilitários e dutos de telecomunicações, de modo a atender as necessidades futuras (Figura 15)¹¹.

Quanto aos equipamentos para os jogos, propriamente dito, tendo em vista o aproveitamento posterior para a sociedade, a maior parte deles se utilizou de sistemas construtivos flexíveis para remoção de partes ou mesmo integralmente. Conforme Diniz (2013), para a implantação do **estádio olímpico**, foi necessário a construção de mais de 30 pontes para seu acesso, por estar ilhado (Figura 16)¹². De formato elíptico, abrigou 80 mil pessoas durante os jogos, mas somente 25 mil assentos foram previstos para serem permanentes. O **parque aquático**, projeto de Zaha Hadid, abriga duas piscinas de 50 m e foi construído com duas arquibancadas removíveis totalizando 17,5 mil assentos para os jogos, já reduzidos para 2,5 mil, mas com a possibilidade de adição em grandes eventos (Figura 17)¹³. Ao lado do parque aquático uma arena temporária com cinco mil assentos serviu para o pólo aquático. Com seis mil assentos, o **velódromo** é um dos cinco maiores equipamentos do parque olímpico, foi um dos últimos a iniciar as obras e o primeiro concluído. Após os jogos, passou a ser um centro de ciclismo, mantendo a tradição londrina, incluindo ainda trilhas de *mountain bike* do lado externo. Um dos maiores equipamentos esportivos temporários usados em uma olimpíada, erguido em apenas três meses, a **arena de basquete** foi totalmente desmontada com seus elementos distribuídos para outros eventos no Reino Unido e exterior. **Eton Manor**, recebeu a competição de tênis em cadeira de rodas nos jogos paraolímpicos. Foi transformado em um centro de tênis com 10 quadras e um de hóquei com duas quadras, cujos equipamentos vieram de um centro de hóquei temporário, também montado para atender os jogos. A **arena de handebol** com 6,5 mil assentos e cobertura de 3 mil m², contendo iluminação natural, foi mantida para servir como arena multiuso.

A maior edificação construída no parque abrigou o **complexo de mídia**, dividido em duas alas: a primeira do *Internacional Broadcast Center* (IBC), com 56 mil m²; e a segunda com 30 mil m² do *Main Press Center* (MPC) (DINIZ, 2013). Do tamanho de sete jatos jumbo, foi utilizado durante os jogos por 20.000 profissionais. O complexo já foi alugado para uma grande empresa por 10 anos e está sendo transformado em um novo centro de tecnologia – *ICity* – “para acomodar os estúdios de esporte da *British Telecom*, um centro de pesquisa e de ensino da *Loughborough University*, um centro de dados e um espaço acelerador para novos empreendimentos (ALTMAN, 2013, p.4).

Desenhada pelos artistas Anish Kapoor e Cecil Balmond o **Arcelor Mittal Orbit** é a mais proeminente obra de arte do parque olímpico de Londres, sendo também a escultura mais alta do

¹¹ Figura 15 – Disponível em: A Walk Around Queen Elizabeth Olympic Park. PDF, p.29. Acesso em: 24 jun. 2014.

¹² Figura 16 – Disponível em: <<http://www.queenelizabetholimpicpark.co.uk/...>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

¹³ Figura 17 – Disponível em: <<http://www.queenelizabetholimpicpark.co.uk/...>>. Acesso em 24 jun. 2014.

Reino Unido com 115m (Figura 18)¹⁴. De formato tubular de aço, é pintada de vermelho possuindo duas plataformas mirantes, uma aos 76 m e outra aos 80 m do piso (DINIZ, 2013).

A Vila Olímpica construída principalmente para os atletas ocupa 24 ha, oferecendo 2.818 apartamentos distribuídos em 11 blocos. As unidades já foram vendidas para uma comunidade de renda mista, que transformou metade das habitações em moradias acessíveis e a outra metade foi repassada a um incorporador privado que está comercializando as habitações como o mais novo bairro residencial “cool” de Londres, o *East Village* (ALTMAN, 2013, p.3). Do plano piloto faz parte a construção de mais 8.000 casas.

Além das melhorias já citadas, cabe destacar o melhoramento do transporte ao longo do Rio Tâmisa que passa relativamente perto do parque olímpico, oferecendo mais opções de transporte na região. Oito rotas de caminhos a pé e de bicicleta foram criadas, incluindo a disponibilidade de seis mil vagas de estacionamento das mesmas, para atender o parque e outros locais de competição (DINIZ, 2013).

O Parque Olímpico de Londres de 2012 foi totalmente transformado e rebatizado de Parque Rainha Elizabeth – *Queen Elizabeth Park* – e disponibilizado para a sociedade como legado em 5 de abril deste ano de 2014¹⁵. Foram plantadas 4.300 árvores em áreas remodeladas, construídas fontes interativas como 195 jatos de água, e diversos brinquedos de playgrounds recém-instalados. O custo da adaptação ultrapassa 300 milhões de libras esterlinas (R\$1,1 bilhão). As autoridades afirmam que o lucro do evento chegou a 16 bilhões de libras tendo gerado 12.000 novos empregos fixos. O megashopping *Westfield Stratford City* informa que vendeu 973 milhões de libras em 2013. O complexo todo virou uma atração e peça fundamental para os planos de regeneração de *Stratford* e de *East London*.

Construções antigas buscam novos usos na área reformada. Um moinho d’água de 1776, símbolo do bairro, enfeita uma pequena ilha em um dos canais recuperados. “Á beira de um dos canais, os velhos armazéns maltratados foram transformados em galerias de arte, café e restaurantes, lotados nos fins de semana. A pequena embarcação que desfila diante deles é um cinema flutuante e divide espaço com pequenos barcos de pescadores que voltaram ao local” (OSWALD, 2013, p.2)¹⁶. Pista destinada a pedestres e bicicletas, a *Greenway* conta a história dos jogos. Há um centro cultural, com exposição de fotos e depoimentos de voluntários que participaram dos jogos 2012, e que prometem estar presentes no Rio em 2016. O prédio vermelho do Teatro *Real Stratford East*, também foi uma edificação mantida.

Megaeventos significam mudança e transição implicando em legado misto de tangível e intangível (MAZO; ROLIM, 2008, p.118). A parcela tangível consiste na infra-estrutura suscetível à análise econômica de custo/benefício. Já o intangível consiste no impacto cultural, refletido na sociedade.

O sucesso do megaevento tem base na capacidade que a cidade tem de iniciar programas de renovação e regeneração em determinada região obtendo suporte público para realizá-los. Depende também da capacidade da cidade em sua economia regional de seguir um caminho crescente após o evento promovendo inovações na região (MAZO; ROLIM, 2008, p.118).

As cidades buscam ganhos de legado “hard”, ou tangíveis: infraestrutura, reorientação dos espaços da cidade; aumento de conforto; novos tipos de usos dos terrenos e atividades econômicas dinâmicas. Entre os ganhos “soft” estão a “confiança, entusiasmo, reputação, incremento do turismo nacional e internacional, status e orgulho local”. Leva um tempo para

¹⁴ Figura 18 – Disponível em: < <http://www.queenelizabetholimpicpark.co.uk/>...>. Acesso em: 24 jun. 2014.

¹⁵ COLON, Leandro. Londres reabre Parque Olímpico ao público. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 17 abr. 2014. Esporte. p. D3.

¹⁶ OSWALD, Vivian. Londres já desfruta legado das Olimpíadas. *O Globo*. 5 Ago. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/londres-ja-desfruta-legado-das-olimpiadas-9549138?service=print>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

confirmação do sucesso dos legados. Geralmente os legados tangíveis se transformam em ícones e atrações turísticas (MAZO; ROLIM, 2008, p.118). O bom legado é aquele que chega a ter continuidade.

Para Richard Cashman em Mazo & Rolim (2008, p.119) “os legados se relacionam com planejamento prudente e sustentável que assegura o alcance de resultados efetivos.

“O legado olímpico é multidisciplinar e dinâmico – mudando no tempo – sendo afetado por uma variedade de fatores locais e globais”, definição de legado encontrada nos registros do Simpósio de *Lausanne* em 2002, em suas conclusões (MAZO; ROLIM, 2008, p.119).

Figura 15 – O conjunto da intervenção com o Parque Queen Elizabeth e o Westfield Stratford City Shopping.



Figura 16 – O Estádio Olímpico.



Figura 17 – Parque aquático.



Figura 18 – A escultura Arcelor Mittal Orbit.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo MacRury (2013, p.156) “os legados de megaeventos têm que achar conexão com as trajetórias locais do lugar para se contextualizarem e fazerem parte da narrativa da cidade”. Significa “um processo de se passar para próximas gerações, um presente ou uma herança de conhecimentos, propriedade e atitudes particulares”. De natureza temporal, o legado dá uma idéia de movimento através do tempo, compondo uma narrativa de passado, presente e futuro. Para ele, “os megaeventos estimulam a diversificação da indústria de uma forma geral, incluindo a indústria cultural e a de criação”. Com inspiração nos megaeventos a criatividade das pessoas e das empresas é estimulada. “O *momentum* de legado se refere à capacidade da cidade e da

economia regional de continuar tocando seu crescimento econômico imediatamente após o megaevento”.

Resta enfatizar que planejamento e análise prévia de riscos fizeram a diferença e contribuíram para a realização do legado londrino. Os jogos com o poder simbólico, articulados ao modo de gestão empreendedora da cidade e suas estratégias de governança, conseguiram acionar vultosos investimentos públicos e atrair interesses privados e imobiliários na área que se transformou numa das mais bem conectadas e desejadas do Reino Unido. A região do *Westfield Stratford City*, suas vizinhanças e o parque serão certamente o coração dos mais longevos benefícios deixados para o *East London* pelo evento dos jogos olímpicos. Cinco bairros criados, milhares de apartamentos construídos, um distrito comercial com 4 milhões de pés quadrados - o *The International Quarter* (TIQ), empresas de tecnologia, filiais de universidades, hotéis, enfim um legado de longo prazo de regeneração e requalificação de uma imensa região. Com todas as benfeitorias realizadas, e, a partir de uma bem estruturada programação no Parque Rainha Elizabeth contendo eventos e atrações, contando ainda com o novo centro de compras e entretenimento do *Westfield Stratford City*, *Stratford* deve se tornar um dos destinos de moradia, trabalho, cultura, visita e lazer mais requisitados de Londres.

Com o foco específico de enfatizar a participação do *Westfield Stratford City* nesse ambicioso projeto pode-se dizer que o shopping não é somente um shopping, um empreendimento comercial imobiliário visando vendas e lucratividade. Seu papel foi muito maior do que esse. Serviu como apoio fundamental para realização das olimpíadas, foi e continuará sendo instrumento de desenvolvimento social, cultural, participante permanente para a melhoria da qualidade de vida da população local, da regeneração e requalificação do *East London*.

Cabe ressaltar a importante integração havida entre projeto público e empresa privada, uma parceria público-privada que deu certo, e, que deve servir de exemplo, modelo para empreendimentos semelhantes.

6. REFERÊNCIAS

ALTMAN, A. *City Transformations*. Out. 2013. Disponível em: <<http://secities.net/ua/conferences/2013-rio/>>. Acesso em: 20 Abr. 2014.

DINIZ, A. “Parque olímpico é exemplo de planejamento e legado”. In: Revista O Empreiteiro,. Ano L, N° 503, Nov. 2011, p. 1 a 7. Disponível em: <http://www.sinduscon-rio.com.br/sindusletter/sindusletter_250112/n23.htm>. Acesso em: 20 Abr. 2014.

HOLANDA, M. *Plano Diretor Londres Olímpico: Regeneração Urbana inteligente*. 06. ago. 2012. IN: ArchDaily. Disponível em:< <http://www.archdaily.com.br/br/01-62864/plano-diretor-londres-olimpico-regeneracao-urbana-inteligente>>. Acesso em: 20 Abr. 2014.

MACRURY, I. *Legado Olímpico: Regeneração Social e Cultural*. MIRAGAYA, A. texto interpretativo. East London University. Disponível em: Legados de Megaeventos Esportivos. COSTA, L; CORRÊA, D.; RIZZUTTI, E; VILLANO, B; MIRAGOYA, A. M. (Eds). Brasília: Ministério dos Esportes, 2008. p 153-160. PDF.

MAZO, J. Z. ; ROLIM, L. H. *Em Busca de uma Definição de Legado na Perspectiva de Megaeventos Olímpicos*. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: Legados de Megaeventos Esportivos. COSTA, L. ; CORRÊA, D. ; RIZZUTTI, E. ; VILLANO, B. ; MIRAGOYA, A. M. (Eds). Brasília: Ministério dos Esportes, 2008. p 119-122. PDF.

MOORE, R. *Westfield Stratford City – review*. In: The Observer, 11 Sep. 2011. Disponível em: <<http://theguardian.com/artanddesign/2011/sep/11/westfield-stratford-city-shopping...>> Acesso em: 23 Jun. 2014.

OLIVEIRA, P. A. F. J. ; BRAGANÇA, L. *Reabilitação urbana: abordando práticas sustentáveis*. Guimarães: Universidade do Minho, 2012. p. 55-62.

POYNTER, G. *Regeneração Urbana e legado Olímpico de Londres 2012*. RIBEIRO, Fernando Telles (trad.). Núcleo de Pesquisa em Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – NUTAU. Disponível em: Legados de Megaeventos Esportivos. COSTA, L; CORRÊA, D.; RIZZUTTI, E; VILLANO, B; MIRAGOYA, A. M. (Eds). Brasília: Ministério dos Esportes, 2008. p 121-151. PDF.